

## A HIPÓTESE DE ETERNO RETORNO DE NIETZSCHE COMO UMA INTERPRETAÇÃO CIENTÍFICA E COSMOLÓGICA DO MUNDO<sup>202</sup>

Hedy Carlos Santos de Pina\*

**Resumo:** O presente artigo tem a pretensão de discorrer sobre uma das principais noções da filosofia nietzschiana, o eterno retorno. Entre as diversas leituras que se possa fazer e discutir, propomo-nos a efetuar um estudo do aspecto cosmológico do eterno retorno a partir de alguns textos pertencentes aos escritos póstumos do filósofo. Por esse viés, esperamos fazer um diálogo entre o pensamento filosófico de F. W. Nietzsche com as ciências naturais e a física da sua época que o influenciaram e serviram, também, como objeto de crítica. Um exame mais pormenorizado e aprofundado acerca do significado do eterno retorno de certo demandaria uma quantidade maior e diversificada de pesquisas, incluindo não unicamente as obras publicadas pelo filósofo, mas também um amplo material publicado postumamente. Sob esse ângulo, o presente texto deve ser entendido como uma indicação para futuras pesquisas.

**Palavras-Chave:** Eterno retorno. Ciências. Hipótese cosmológica.

### NIETZSCHE'S ETERNAL RECURRENCE HYPOTHESIS AS A SCIENTIFIC AND COSMOLOGICAL INTERPRETATION OF THE WORLD

---

<sup>202</sup> Nota de esclarecimento: Trabalhar com a obra de determinado autor, principalmente em filosofia, requer que antes de iniciarmos propriamente o texto, deixemos claro o nosso posicionamento quanto à utilização de terminologias, abreviaturas e traduções de conceitos desse autor. Com Nietzsche não seria diferente. Com efeito, a diversidade de sua obra – aí se incluindo as publicadas pelo autor e em nome dele – bem como a variedade de estilos e “fluidez” conceitual assim o exigem. Assim, no que diz respeito às citações, são de Nietzsche as obras sem indicação de autor. Optou-se por fazer referência não ao ano de publicação da edição utilizada de uma obra, mas à abreviatura do título conforme a legenda abaixo: EH/EH - Ecce homo / Ecce homo (1888 – 1908) FW/GC - Die fröhliche Wissenschaft / A Gaia ciência (1882, 1886) GB/BM - Jenseits von Gut und Böse / Para além do bem e do mal (1886) GD/CI - GötzenDämmerung / Crepúsculo dos ídolos (1888 - 1889) Za/ZA - Also sprach Zarathustra / Assim falou Zarathustra (1883-1885). Para a obra publicada, o algarismo arábico indica o aforismo, normalmente seguido, após vírgula, da página referente à tradução brasileira utilizada; no caso de GM, Z e GD/CI, o algarismo romano anterior ao arábico remete à parte do livro, seguindo-se, no caso dos dois últimos, o capítulo ou título do discurso. Para EH, o capítulo será indicado por algarismo romano, seguido, quando for o caso, da abreviatura da obra tema do capítulo. No caso dos fragmentos póstumos, o algarismo romano indica o volume da edição da KSA indicada, seguido do algarismo arábico que indica a seção, o número do fragmento em colchetes, e o ano em que foi escrito.

Para quase todos os textos de Nietzsche aqui utilizados, trabalhamos com a tradução de Paulo César de Souza; Z, com tradução de Mário da Silva. Para os volumes dos fragmentos IX a XIII, tomou-se a tradução de Marcos S. P. Fernandes e Francisco J. D. de Moraes para a seleção de fragmentos intitulada Vontade de poder (Rio de Janeiro: Contraponto, 2008). Para os demais autores, as referências em notas de rodapé indicam apenas: autor, título do livro ou artigo e a página. A referência completa, juntamente com a tradução, encontra-se nas referências bibliográficas ao final do artigo.

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Membro do Grupo de Estudos em Nietzsche – GENi (UECE). E-mail: hedycarlosp@gmail.com.

**Abstract:** This article intends to discuss one of the main notions of Nietzschean philosophy, The eternal recurrence. Among the various readings that can be made and discussed, we propose to carry out a study of the cosmological aspect of the The eternal recurrence from some texts belonging to the posthumous writings of the philosopher. Through this bias, we hope to make a dialogue between Nietzsche's philosophical thought with the natural sciences and the physics of his time that influenced him and also served as an object of criticism. A more detailed and in-depth examination of the meaning of the The eternal recurrence of a certain thing would require a greater and more diversified amount of research, including not only the works published by the philosopher, but also a wide range of material published posthumously. From this angle, the present text should be understood as an indication for future research.

**Keywords:** The eternal recurrence. Sciences. Cosmological hypothesis.

## 1. Introdução: a busca de um fundamento científico e/ou cosmológico.

Supondo que o tempo seja ilimitado e as coisas que se encontram no tempo, limitadas, as suas combinações, necessariamente, haveriam de repetir-se eternamente. Seguindo essa perspectiva, Nietzsche desenvolve a hipótese de *eterno retorno*, uma noção que aparece pela primeira vez em *Zarathustra* entre as doutrinas da *morte de Deus*, *super-homem* e *vontade de poder*. Estas concepções centrais do pensamento do autor, principalmente a vontade de poder e eterno retorno, começam a surgir do diálogo que Nietzsche trava com as ciências da sua época. A necessidade de um embasamento científico a essas noções faz aumentar o seu interesse pela biologia e pela física. Nesse período, a partir de 1881, em que começa a redigir *Assim falou Zarathustra*, Nietzsche retoma a leitura do biólogo Roux que defende que a luta permanente subjaz a todo fenômeno vital, um confronto ininterrupto em que prevalece o dominar e assimilar o alheio.<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup> Em *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, Marton enfatiza a importância dos trabalhos dos biólogos Rolph e Roux para a criação do conceito de vontade de [poder]: “Ora, em 1881, de Roux, Nietzsche reteve a noção de que, no próprio organismo, entre órgãos, tecidos e células, existe concorrência vital e, em 1884, de Rolph, a noção de que a concorrência, em vez de prejudicar a vida, aumenta sua quantidade”. A comentadora acrescenta que “no conceito de vontade de [poder], as duas noções serão subsumidas. Em Boscovich, físico, matemático e astrônomo croata, que viveu no século XVIII, Nietzsche foi buscar o conceito de força, importante para sua cosmologia. Segundo o físico Max Jammer, Boscovich, um estudioso do fenômeno de colisão dos corpos, chegou à conclusão que ‘impenetrabilidade e extensão (...) são meramente expressões espaciais de forças, ‘força’ é consequentemente mais fundamental do que matéria (...)’” Marton, S. apud Neves, J. *O eterno retorno hoje*. p. 286.

Na tentativa de buscar um fundamento cientificamente mais sólido para suas teses, Nietzsche estuda diversos cientistas naturais como Darwin, Lamarck, Galton, Haeckel, Nâgeli e Rutimeyer. Mas o que subsidiará a sua perspectiva de vida como luta de forças que um busca dominar o outro numa expansão de poder é a leitura de Rolph em 1884. Assim Nietzsche fundamenta a sua visão de vida como expansão e não como conservação segundo sua interpretação da ótica de Darwin<sup>204</sup>. Cresce assim ao lado do interesse pelas ciências uma necessidade de aprofundamento de estudos em física no intuito de embasar sua “ideia mais abissal”. Nietzsche se juntou ao plano de uma comunidade de estudos com a jovem russa Lou von Salomé e seu amigo Paul Rée. E Paris seria a cidade onde a tríade se juntaria, pois Nietzsche pretendia assistir aí algumas aulas.<sup>205</sup> Plano este que não chegou a se concretizar.

Conta Nietzsche no seu livro tardio *Ecce homo* que o pensamento de eterno retorno é de agosto de 1881: “Naquele dia eu caminhava pelos bosques perto de Silvaplana; detive-me junto a um imponente bloco de pedra em forma de pirâmide, pouco distante de Surlei. Então veio-me o pensamento”.<sup>206</sup> Ainda na sua gênese esse pensamento se apresentou como um fardo que o autor de *Zaratustra* haveria de carregar e debater com isso por meses. Portanto, a ideia de eterno retorno pesa e exige uma carga de energia física e mental para ser trazida à luz, e a figura de Zaratustra o *toma de assalto* impondo-lhe a consciência de uma monstruosa responsabilidade de anunciar “a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar”. Tal tarefa parece fazer o autor de *Zaratustra* assumir a responsabilidade profética de ser o porta-voz de um pensamento que reluz como relâmpago<sup>207</sup>.

As possíveis influências externas que levaram a gênese de eterno retorno são questionáveis e diversos comentários sobre a genealogia do tema aparecem desde 1895 com Rudolf Steiner. O comentarista que recebera de Elisabeth Förster a incumbência de organizar a biblioteca de Nietzsche no recém-fundado Nietzsche-Archiv, declarou que a

---

<sup>204</sup> No parágrafo intitulado Anti-Darwin do livro *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche escreve: “No que toca à célebre ‘luta pela vida’, até agora me parece apenas afirmada e não provada. Ela acontece, mas como exceção; o aspecto geral da vida não é a necessidade, a fome, mas antes a riqueza, a exuberância, até mesmo o absurdo esbanjamento — quando se luta, luta-se pelo poder... Não se deve confundir Malthus com a natureza”. GD/CI-IX§14, 50.

<sup>205</sup> FRANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: Uma biografia*. p. 104.

<sup>206</sup> EH/EH-IX§1, 79.

<sup>207</sup> *Ibid.*, 82.

noção do eterno retorno emergiu como contraposição à leitura do *Kursus der Philosophie* [Curso da filosofia], de Dühring, publicado em 1875. Convicção esta refutada em 1899 por Gustav Nauman que acredita ser Dühring um pensador de pouca relevância, que fosse capaz de inspirar Nietzsche. Naumann cita pensadores mais elevados que pudesse estimular o autor de *Zarathustra* como: Hebbel (que também será refutado por ele por falta de provas); Hölderlin, o poeta preferido do autor; e os pré-socráticos.<sup>208</sup>

Na qualidade de filólogo, Nietzsche certamente já estava familiarizado com a doutrina do eterno retorno nas suas pesquisas sobre os antigos, no caso de Anaximandro e pitagóricos, Heráclito e Empédocles, Eudemo e os estoicos. Quando professor ainda em Basileia, a partir do amigo Deussen e do seu “mestre” Schopenhauer, se interessou pelas religiões e filosofias orientais como o budismo, hinduísmo e zoroastrismo. Mas a novidade que o autor de *Zarathustra* traz, em relação a essas escolas filosóficas gregas e religiões do oriente, é a tentativa de um embasamento científico à sua noção de eterno retorno. Ele busca fundamentar a sua ideia nas ciências da natureza, na física e na matemática. Assim o pensamento de eterno retorno em Nietzsche, ao passar pelo crivo do método científico, se distancia da doutrina dos antigos fundamentados essencialmente na contemplação.

Se realmente a Nietzsche foi sugerido dar uma sustentação científica à sua doutrina por Dühring, Mayer, Boscovich e Helmholtz, é provável que a possibilidade lógica do eterno retorno tenha sido dado por Lange e Schopenhauer. O primeiro na apresentação do ensaio de 1872 de Louis Blanqui, “*L'éternité par les astres, hypothèse astronomique*” refere que dado o número constante e infinito dos elementos do universo, suas combinações possíveis também deveriam ser finitas. E o segundo, na obra *O mundo como vontade e representação* supõe que, diferente da maioria, uma pessoa que deixa de sentir impulsionado por uma forma de viver cego e irracional ou pelo temor a morte, possuiria uma coragem de aceitar todas as penas e tormento em detrimento das alegrias da vida.<sup>209</sup> Sendo assim, a partir do casamento das duas teorias nasce o eterno retorno de Nietzsche.

---

<sup>208</sup> FRANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: Uma biografia*. p. 186.

<sup>209</sup> MARTON, Scarlett. *O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?* p. 304.

A doutrina do eterno retorno possui dois vieses de leitura: por um lado, seguindo os escritos póstumos do filósofo alemão, temos a interpretação do eterno retorno como uma hipótese cosmológica; e do outro, embasando nas obras *A gaia ciência* e *Assim falou Zaratustra*, a abordagem da doutrina como um imperativo ético. Pretendemos analisar a perspectiva cosmológica com a finalidade de ressaltar o diálogo que Nietzsche manteve com as questões científicas da sua época. Suas teorias filosóficas possuem influências de hipóteses científicas, tanto como fundamento e justificativa como alvo de crítica e contestação. Por isso, deixaremos de lado a discussão sobre a validade ou a importância de uma interpretação em relação à outra. Como se trata de um diálogo de Nietzsche como as ciências naturais, preferimos debruçar sobre as questões físicas e matemáticas ou invés das problemáticas éticas.

## 2. Eterno retorno como hipótese cosmológica

Além do aspecto ético, a doutrina do eterno retorno pode ser tomada como um pensamento cosmológico. Enquanto “teoria” científica ela exige uma comprovação que segue os rígidos princípios lógicos usados pela ciência na tentativa de explicar a realidade. A ciência moderna, que dominava todo cenário no qual Nietzsche estava inserido, possuía um caráter instrumental e um forte impulso pela tentativa de “provar” uma verdade objetiva.<sup>210</sup> Crítico de um saber racional que busca conhecer tudo a qualquer custo, Nietzsche incorporou certas teses científicas ao seu modo perspectivístico de fazer filosofia. Buscou conjugar o determinismo que sua hipótese cosmológica carrega com o pespectivismo da sua filosofia. Em meio aos debates das questões científicas, o filósofo tomou uma posição de estudioso e crítico, adotando certos métodos de análise e refutando todo ideal ascético dentro da ciência.

Do físico matemático croata Boscovich do século XVIII, Nietzsche pega o conceito de força, pois segundo Nietzsche, “Boscovich nos ensinou a abjurar a crença na última parte da terra que permanece firme, a crença na ‘substância’, na ‘matéria’,

---

<sup>210</sup> De acordo com Müller-Lauter a questão acerca da verdade da doutrina “move-se ainda no horizonte da ‘velha’ compreensão de verdade” (Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 178). Segundo o comentador, em Nietzsche temos um novo critério de verdade: a vontade de poder ascendente.

nesse resíduo e partícula da terra, o átomo”.<sup>211</sup> Seguindo a tese do croata de que a força é o mais fundamental do que a matéria, Nietzsche desenvolve a sua concepção de força dentro da sua visão cosmológica em oposição ao que ele chama de “necessidade atomista” e “necessidade metafísica”. Assim, sua hipótese de eterno retorno se firma como uma crítica ao materialismo científico e filosófico e à toda metafísica transcendental. Portanto, a noção de eterno retorno se mostra em uma restrita relação com a ideia de vontade de poder, um outro conceito importado da biologia de Rolf e Roux.

Nietzsche apresenta sua doutrina de eterno retorno enquanto pressuposto cosmológico nos fragmentos póstumos, onde escreve o seguinte:

Sabeis vós também o que é para mim o “mundo”? Devo mostrá-lo em meu espelho? Este mundo: uma imensidão de forças, sem começo, sem fim, uma firme e brônzea grandeza de força, que não torna maior, não se torna menor, não se consome, só se transforma e, como todo, é de imutável grandeza, um orçamento doméstico sem gastos e sem perdas, mas, do mesmo modo, sem crescimento, sem ganhos, encerrado pelo “nada” como por seu limite, nada que se desvaneça, nada desperdiçado, nada infinitamente extenso, mas sim, como força determinada, posto em um determinado espaço, não em um lugar que fosse algures “vazio”, antes como força em toda parte, como jogo de força e ondas de forças (...) a partir de um jogo das contradições de volta até o prazer da harmonia, afirmando a si mesmo ainda nessa igualdade de suas vias e anos, abençoando a si mesmo como aquilo que há de voltar eternamente (...)<sup>212</sup>

E conclui o filósofo que “este mundo é a vontade de poder – e nada além disso! E também vós mesmos sois essa vontade de poder – e nada além disso!”.<sup>213</sup> Com a ideia de eterno retorno, Nietzsche coloca em xeque as interpretações do mundo que supõem uma teleologia objetiva que governa a existência. Sua tese busca refutar as teorias científicas que defendem um estado final para o mundo. Com sua “antidoutrina” desacredita as doutrinas religiosas que pregam um fim escatológico.

Quanto à interpretação teleológica do mundo, Nietzsche descrê na existência de um fim em direção ao qual todo desenrolar dos fatos caminha. Para o filósofo, “Se o mundo tivesse um fim, ele haveria de já ter sido alcançado. Se houvesse para ele um

---

<sup>211</sup> JGB/BM-I §12, p. 19.

<sup>212</sup> 38[12] de junho-julho de 1885.

<sup>213</sup> Ibid.

estado final não intencional, então este haveria de já ter sido, do mesmo modo, alcançado”.<sup>214</sup> Sendo o mundo nada além da vontade de poder, como presume Nietzsche, é inaceitável, segundo ele, a ideia de se chegar a um estado final do mundo. Tomando a vontade de poder como uma imensidão de forças que lutam entre si por mais poder, não se pode pensar em um estado final, pois, esse dinamismo de exercício de forças impede que cesse o combate entre si. A luta é permanente porque nessa relação de forças sempre há um impulso que busca incorporar e dominar os que resistem a essa apropriação.

Nietzsche recorre à primeira lei da termodinâmica, pois, como ele escreve num aforismo póstumo, “o princípio de conservação de energia exige o eterno retorno”, com o intuito de confrontar a segunda lei<sup>215</sup>. A doutrina de eterno retorno de Nietzsche se baseia no caráter finito das forças e das combinações entre si e na natureza eterna do mundo. Assim o autor de Zarathustra questiona:

Qual é, pois, o princípio ou fé com o qual se formula, o mais determinadamente, a virada decisiva, a preponderância alcançada agora pelo espírito científico sobre espírito religioso inventor de deuses? Não é ele: o mundo, como força, não ser pensado como ilimitado? Pois ele não pode ser pensado assim – proibimo-nos o conceito de uma força infinita como sendo inconciliável com o conceito “força”. Portanto – falta ao mundo também a capacidade para a eterna novidade.<sup>216</sup>

Todo o que existiu voltará inevitavelmente a existir ao levar em consideração o princípio de conservação e as combinações entre as forças ao longo da eternidade do tempo.

---

<sup>214</sup> 36[15] de junho-julho de 1885.

<sup>215</sup> “O princípio da termodinâmica diz que a quantidade de energia no interior de um sistema fechado não sofre nenhuma alteração. O segundo princípio diz que, no interior de um tal sistema, as formas de energia se alteram. Assim, ocorre constantemente a transformação de energia cinética em calor e, de modo inverso, a transformação de energia de calor em energia cinética. Ora, em certa medida, a geração de calor é irreversível. Sugere energia térmica que não é mais produtiva. Em vista de sua grandeza, fala-se de entropia”. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 277.

<sup>216</sup> 36[15] de junho-julho de 1885.

Se o mundo pode ser pensado como finito que permite um número determinado de arranjos de forças, o eterno retorno seria, portanto, “incondicionalmente necessário”.<sup>217</sup> Sobre isso, Nietzsche formula a seguinte hipótese:

Se o mundo pode ser pensado como grandeza determinada de centro de força – e toda outra representação permanece indeterminada e, conseqüentemente, inutilizável –, segue-se disso que ele há de perfazer um número de combinações computáveis no grande jogo de dados da sua existência. Em um tempo infinito, cada combinação possível haveria de ser alcançada em qualquer altura por uma vez; mais ainda: ela haveria de ser alcançada em infinitas vezes. E então, entre cada “combinação” e seu próximo “retorno”, todas as combinações possíveis haveriam de ter decorrido, e cada uma dessas combinações condiciona toda a seqüência das combinações na mesma série, e assim seria, com isso, provado um circuito de séries absolutamente idênticas: o mundo como circuito que já se repetiu com infinita freqüência e que joga seu jogo *in infinitum*.<sup>218</sup>

O pressuposto da repetição de todas as seqüências de combinações de forças tende a levar a uma compreensão mecanicista da doutrina do retorno. Apesar de ser necessária, a tese de eterno retorno exclui uma concepção mecanicista do mundo. E assim Nietzsche conclui o aforismo defendendo que:

Essa concepção não é, sem mais, uma concepção mecanicista: pois se ela fosse tal, então não condicionaria um infinito retorno de casos idênticos, mas sim um estado final. Porque o mundo não alcançou esse estado, o mecanicismo há de valer, para nós, como uma hipótese incompleta e somente provisória.<sup>219</sup>

No aforismo 22 do livro *Além do bem e do mal* Nietzsche havia afirmado que o mundo como vontade de poder “tem um curso ‘necessário’ e ‘calculável’, mas não porque nele vigoram leis, e sim porque faltam absolutamente as leis, e cada poder tira, a cada instante, suas últimas conseqüências”. A interpretação do mundo de Nietzsche, como um jogo de combinações de um número finito de forças que se repete incessantemente num tempo infinito, diverge da interpretação mecanicista que, segundo ele, pressupõe um estado final do mundo. “Acontecendo de também isto ser apenas

---

<sup>217</sup> “Pois, após o esgotamento de todos os estados possíveis do mundo, um deles tem necessariamente de retornar. Visto que este tem agora um sucessor determinado de forma unívoca, e a este sucede do mesmo modo, os estados do mundo também transcorrerão na seqüência fixada até o ponto em que o primeiro a retornar se repita pela segunda vez etc., por toda eternidade”.

<sup>218</sup> 14[188] da primavera de 1888.

<sup>219</sup> Ibid.

interpretação” diz Nietzsche, “e vocês se apressarão em objetar isso, não? – bem, tanto melhor!”. Provas e contraprovas apareceram tanto para reforçar a teoria cosmológica do eterno retorno como para refutar sua validade enquanto pressuposto científico ou matemático.

Sobre as contraprovas científicas, Müller-Lauter, na sua obra *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, expõe a doutrina do fim de todos os movimentos na morte térmica que se opõe a doutrina do eterno retorno. Tal doutrina defende um estado final que consiste em que todos os movimentos atingiriam o repouso e se equilibrariam todas as diferenças de calor. O comentador aponta a força de argumentação que sustenta a tese e também o ponto fraco que a torna insustentável. Desse modo, escreve Müller-Lauter:

Segundo a teoria da morte térmica, ao partirmos de um “agora”, pensamos num para frente. Ela constitui uma explicação fechada em si dos acontecimentos futuros que culmina com a extinção final de todos os eventos. Sua peculiar força persuasiva reside na apresentação desse *progressus*. Sua fraqueza se mostra quando se retrocede de agora para o início do tempo.<sup>220</sup>

A dificuldade que os defensores da morte térmica encontram, segundo o comentador, é a tentativa de explicar a origem dos eventos, ou seja, é “pensar um passado temporal infinito, em conexão com esse processo infinito”. Müller-Lauter constata que o mesmo problema que acompanha os defensores da tese da morte térmica enquanto um caminho do agora em direção ao passado, se torna difícil aceitar a tese de eterno retorno enquanto um caminho do agora rumo ao futuro.

Da contraprova matemática Müller-Lauter recorre ao comentador Simmel. Em relação à repetição das combinações dos acontecimentos finitos em um tempo infinito, Simmel apresenta uma possibilidade matemática que se exclui desse processo.<sup>221</sup>

---

<sup>220</sup> MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 278-279.

<sup>221</sup> “[...] Isso quer dizer: a posição dos três pontos, a partir da qual começou o movimento, nunca poderá retornar em toda eternidade. Portanto, se em algum lugar do mundo houver três movimentos que correspondam à proporção de movimento dessas três rodas, jamais poderão retornar as combinações entre elas em sua forma inicial. A finitude no número de elementos, portanto, atua mesmo quando houver um tempo infinito para seus movimentos, sem nenhuma necessidade de que a situação de qualquer momento se repita inalteradamente. – É claro que é possível que ocorra de outro modo. Os movimentos do mundo poderiam ser ordenados de tal modo a percorrer um círculo de combinações repetindo-se sempre. Basta apenas a mera possibilidade acima esboçada para confirmar como ilusão a pretensa prova do eterno

Presume-se que haja três grandes anéis superpostos sobre um eixo comum. Traça-se uma linha imaginária sobre as rodas marcadas por um ponto. Ao fazê-las girar com as velocidades específicas de  $n$ ,  $2n$  e  $3n$ , nunca tornaram ao estado inicial, ou seja, jamais se repetirá essa combinação. Portanto, seguindo esse ponto de vista matemático, torna-se inviável pensar um eterno retorno de tudo o que existe da mesma forma que antes. Parece que mais uma vez a hipótese de eterno retorno como teoria cosmológica tem dificuldade de se comprovar como uma tese científica ou matemática.

Uma vez que o discurso não corresponde com os fatos, afigura-se como falso, quando se trata da verdade como concordância do discurso com a realidade. No entanto, para Nietzsche, “a falsidade de um juízo não chega a construir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie”.<sup>222</sup> Percebido a noção de eterno retorno como uma ficção cosmológica que potencializa a vontade ascendente, Nietzsche, parece estar mais preocupado com a busca por novas interpretações do que comprovar uma teoria. O seu filosofar perspectivista o impede, no entanto, de estabelecer a doutrina do eterno retorno como verdade objetiva. A sua crítica à ciência está justamente no seu caráter instrumental em que a verdade se define por sua eficácia.

Segundo Marton, muitos comentadores ao tentarem resolver o problema do eterno retorno, atentaram-se pelo seu caráter fictício, pois, o próprio filósofo atribuía ao conhecimento científico essa peculiaridade. Diz Marton:

Houve quem sustentasse que, se ele tentou encontrar na ciência confirmação para a ideia do eterno retorno, nem por isso deixou de julgar que, como qualquer lei científica, ela não passava de convenção. Houve também quem afirmasse que, dada a sua concepção de ciência, Nietzsche entendeu que a doutrina não só era provisória, experimental e hipotética, mas ficcional. Houve até quem acreditasse que ele tinha sido levado, ao tratar delas, a recorrer a metáforas científicas por viver num meio dominado pelo cientificismo. Houve, enfim, quem argumentasse que, se o filósofo buscava verificações “científicas”, era porque supunha que as teorias e métodos das ciências retomavam as crenças da humanidade.<sup>223</sup>

---

retorno do mesmo”. BECKER, Oskar *apud* MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 282.

<sup>222</sup> JGB/BM-I §4, p. 11.

<sup>223</sup> MARTON, Scarlett. *O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?* p. 301.

Portanto, seja qual for a intenção de Nietzsche com a tentativa de dar um fundamento científico à doutrina, o seu suposto fracasso não invalida a hipótese ao se tomar a ideia de eterno retorno como aquilo que faz frente às concepções ascéticas que criam mundos fictícios e os estabelecem como eternos, verdadeiros. O pensamento do eterno retorno, sendo a mais elevada forma de afirmação do destino, do amor *fati* e manifestação da vontade de poder, segue o novo critério de verdade segundo a filosofia de Nietzsche: ele promove e conserva a vida.

O cientificismo moderno<sup>224</sup> é a “vontade de tornar pensável tudo o que existe”<sup>225</sup>, ou seja, uma aspiração por um mundo de estabilidade. Nietzsche vê a ciência de sua época ainda como serva das “superstições” do rebanho na medida em que ela tem a pretensão de alcançar a segurança e o bem-estar comum para a conservação de um tipo de vida. Na sua busca pela verdade a todo custo teve que abandonar a ficção Deus-juiz que servia de fundamento aos princípios morais, apresentando-se assim como uma das últimas fases do seu desenvolvimento, uma das formas finais da moral. Desse modo, a moral do fraco, abandonando o “pano de fundo religioso” e convertendo-se na consciência científica, revela-se como manifestação da própria vontade de poder.<sup>226</sup>

Nietzsche propõe, portanto, uma compreensão de ciência não mais como uma vontade de verdade, onde subjazem ainda os preconceitos morais, mas uma ciência livre do peso da verdade. Uma ciência que se torna *gaia*, ou seja, que carrega um espírito de jovialidade e que seja experimental<sup>227</sup> e não dogmática. Por isso, suas críticas ao darwinismo que entende a vida como conservação e não expansão; ao positivismo que advoga pela imparcialidade e neutralidade do investigador; ao materialismo que supõe o

---

<sup>224</sup> “O ateísmo incondicional e reto (– e somente seu ar é o que respiramos, nós homens mais espirituais dessa época!) não está, portanto, em oposição a esse ideal, como parece à primeira vista; é, isto sim, uma das últimas fases do seu desenvolvimento, uma de suas formas finais e consequências internas – é a apavorante catástrofe de uma educação para a verdade que dura dois milênios, que por fim se proíbe a *mentira de crer em Deus*”. GM/GM III, §27, 147.

<sup>225</sup> Za/ZA, “Da superação de si mesmo”. p. 108.

<sup>226</sup> “Mas a vontade de verdade mesma pode ser, assim, apenas “um meio” dessa vontade de potência.” MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 168.

<sup>227</sup> “Não, esse mau gosto, essa vontade de verdade, de ‘verdade a todo custo’, esse desvario adolescente no amor à verdade – nos aborrece: para isso somos demasiadamente experimentados, sérios, alegres, escandalosos, profundos... Já não cremos que a verdade continue verdade, quando se lhe tira o véu... Hoje é, para nós, uma questão de decoro não querer ver tudo nu, estar presente a tudo, compreender e ‘saber’ tudo”. FW/GC, “Prologo” §4, 14.

átomo como a última parte da matéria ignorando a noção de força; ao mecanicismo que leva a concepção teleológica do mundo; e, enfim, à todas as concepções de ciência que negam a vida como incorporação, jogo incessante de afetos e quantas de forças que lutam entre si sem nenhuma finalidade ou sentido último.

### 3. Considerações finais:

Pensar o eterno retorno é trilhar um novo caminho da interpretação da existência. Se ela é apenas uma interpretação é mais uma ficção. Mas ela se torna mais válida do que a interpretação moral na medida em que ao invés de degenerar ela gera um aumento da vida<sup>228</sup> enquanto vontade de poder. A percepção do eterno retorno aparece como a superação da avaliação moral do mundo. Se, para Nietzsche, a interpretação moral havia triunfado após a inversão dos valores – iniciados já desde pensamento socrático e reforçado pela teologia cristã –, a hipótese de eterno retorno se manifesta como uma nova transvaloração dos valores. Diferentemente da avaliação moral que nega esse mundo em nome dos valores transcendentais, a ideia de eterno retorno enquanto força ascendente é a afirmação deste mundo.

É partir dessa visão radical da existência que se pode criar valores mais autênticos, que não ganham sua legitimidade num além, mas na própria realidade. Se por um lado a ideia do eterno retorno é afirmadora da própria existência, por outro ela é uma negação ou superação das doutrinas que estabelecem valores superiores oriundos de um mundo superior.

A ideia de eterno retorno que pensa o mundo como um jogo de forças finitas, incapaz de uma “eterna novidade”, exclui a ideia de um criador e de organizador que almeja um fim do mundo. Sem essa entidade transcendental, os valores superiores perdem o seu valor e fundamento e o homem se encontra jogado nesse mundo de devir abandonado a sua sorte. Daí Zarathustra anuncia na praça pública os dois “tipos” que surgem após a morte de Deus: aquele que representa o cansaço e o desespero desse mundo, o último homem e aquele que ama o destino e cria seus próprios valores a partir

---

<sup>228</sup> “A moral da renúncia de si é a moral do declínio *par excellence*, o fato ‘eu pereço’ traduzido no imperativo: todos *devem* perecer’ – e *não só* no imperativo!... Essa única moral que até aqui foi ensinada, a moral da renúncia de si, trai uma vontade de fim, nega em seus fundamentos a vida”. EH/EH-XIV §7, 108.

da vida terrena, o super-homem. O primeiro certamente não suportaria o maior dos pesos e amaldiçoaria quem lhe apresentasse tal hipótese, o segundo provavelmente estaria de bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa eterna confirmação.

## REFERÊNCIAS:

BRUSOTTI, Marco. O eterno retorno do mesmo em Assim falou Zaratustra. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 149-167, jul./dez. 2012.

DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e eterno retorno. In: \_\_\_\_\_. *A ilha deserta*. Trad. de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2007. cap. 15, p. 155-166.

JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*, volume II: os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Trad. de Markus A. Hediger, Luís M. Sander. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MACEDO, Iracema. Zaratustra, paixão e amor *fati*. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina; BARROS, Tiago (Orgs.). *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 83-96.

MARTON, Scarlett. Da biologia à física: vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Nietzsche e as ciências da natureza. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de; FEITOSA, Charles, PINHEIRO, Paulo; SOARES, Rosana (Orgs.). *Nietzsche e as ciências*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 114-128.

\_\_\_\_\_. O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. p. 289-317.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”. *Cadernos Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v. 37, n. 2, p. 11-46, jul./set. 2016.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009

NEVES, Juliano. O eterno retorno hoje. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n. 32, p. 283-296, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia De Bolso, 2016.

\_\_\_\_\_. *A vontade de poder*. Trad. de Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro, Contaponto, 2011.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SALAGUARDA, Jörg. A concepção básica de Zaratustra. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n. 2, p. 17-39, 1997.